

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE FEVEREIRO DE 1919

N.º 63

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO... .. 1\$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 570 | ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO NECESSARIOS

PARA que os resultados do turismo sejam eficazes e proveitosos em o nosso paiz, é absolutamente necessario que os caminhos de ferro constituam o seu maior e melhor auxiliar, apertando as malhas das redes que o devem envolver; e que á sua exploração presida um criterio exemplar e um senso absolutamente pratico.

Em geral, nenhum turista inteligente faz uma viagem regressando pela linha que tomou á ida, porque, além de não ter um novo atractivo que a isso o conduza, ella não lhe proporciona ensejo para ver uma nova região ou uma nova curiosidade, gastando o mesmo ou mais, quer em dinheiro, quer em tempo.

No nosso paiz os caminhos de ferro, a não se utilizarem as linhas do centro do paiz, do Norte, do Oeste e da Beira Baixa, não ha forma do viajante fazer uma viagem sem ter que regressar pelo mesmo caminho. E curioso é notar que, simplesmente pela falta da construcção de alguns kilometros, permanecem essas linhas desligadas, com grave prejuizo, não só da economia nacional, como tambem da boa exploração ferroviaria.

Senão veja-se: de Vila Viçosa a Elvas a distancia é de uns escassos 20 kilometros, e a sua ligação não passou de uns vagos projectos de gabinete. De Vila Franca das Naves ao Pocinho, de que nos occupámos no numero anterior, distam, apenas, uns 70 kilometros, de facilima construcção ferro-viaria. De Vizeu ao Tua, menos de uma centena de kilometros impede a ligação das duas riquissimas provincias da Beira e de Traz-os-Montes. E tudo o mais assim.

E' certo que nos temos occupado— e largamente, do complemento da nossa rede ferroviaria; mas a maldita politica da nossa terra, não nos deixa tomar alento para resolver tudo como é mister.

A exuberante provincia do Minho,



que a malfadada politica de então, fez afastar a sua principal linha para o litoral, tem as suas veigas e os seus centros productivos servidos apenas por deficientissimas estradas. Os já famosos caminhos de ferro do Alto Minho, de lendaria memoria, estão ainda por fazer, embora os seus concessionarios afirmassem ao governo, quando lhes foi adjudicada a concessão, que a construcção se não faria esperar; isto ha meia duzia de anos.

Pensa, agora, a Companhia de Guimarães, estender a sua linha a Cavêz, no extremo da provincia do Minho e a dois passos da de Traz-os-Montes, com um excelente ponto de ligação,

em Vila Pouca, para a linha do Corgo.

Esta linha, se a politica e os interesses curtos de vistas a não empatarem, uma vez ligada á do Corgo e esta, estendida a Orense, completará uma cadeia de turismo das mais interessantes do nosso paiz; porque ninguem que vá a Vidago, ou ás Pedras Salgadas, deixará de regressar pelo Minho, para se deter em Guimarães, Vizela, etc.

Por outro lado, construida que fosse a linha de S. Pedro do Sul á Regoa, teriamos essas malhas ferroviarias dilata-

latadas á Beira e ao Vale do Vouga, que é outra região privilegiada de turismo, pelas suas variadas belezas naturaes.

Nota curiosa: As linhas do Vale do Vouga, Vale do Corgo, de Guimarães e do Douro, ligadas entre si por esta forma, serviriam—num pequeno circuito—nada menos de onze estancias de aguas mineraes: S. Pedro do Sul, Castro Daire, Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Vizela, Caldas da Saude, Entre-os-Rios, Canavezes, Aregos e Moledo; não falando nas praias que lhe ficam visinhas.

FELGUEIRA
O estabelecimento thermal

Na parte central do paiz, necessario se torna concluir a linha da Louzã, estendendo-a até Arganil e a Gouveia; e construir a tão falada linha de Thomar á Nazareth, para a ligação d'esses tres depositos de verdadeiras joias da architectura nacional, Thomar, Batalha e Alcobaça. E cá mais para o

Sul impõe-se não só a imediata conclusão das linhas de Estremoz a Portalegre e Beira Baixa, como, também, o prolongamento das linhas de Villa Viçosa a Elvas, e de Réguaengos a Mourão, a terminar no Guadiana, para que a nossa linha fronteiriça se complete, como é de justiça. Como levar a cabo taes empreendimentos? Facilmente. Tudo isto se realizará com a construção de pouco mais de meio milhar de kilometros de caminho de ferro, cujo importe é nada do que se tem dispendido no nosso paiz, para obras de menos transcendencia.

GUERRA MAIO.

RENOVAÇÃO DAS ASSIGNATURAS

Tendo terminado um periodo das assignaturas da Revista de Turismo, solicitamos dos nossos muito estimaveis assignantes, a fim de nos evitarem maiores despesas de cobrança — já bastante onerosa actualmente, a extrema fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados, os recibos respectivos que vamos mandar cobrar por intermedio do correio; se não preferirem antecipar esse pagamento, enviando-nos em vale postal a importancia correspondente, que é de \$70 por um semestre e de 1\$40 por um ano.

Confiamos no bom acolhimento que o nosso pedido encontrará por parte dos amigos da Revista de Turismo, á qual d'esta forma prestam um concurso de inestimavel valor; e assim expressamos aqui os nossos reconhecidos agradecimentos.

□ □ □

*Na nossa administração, Largo Bordoal Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da **Revista de Turismo**, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.*

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordoal Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa.

BREVEMENTE

A APARECER Á VENDA:

“Cantares,”

VERSOS DO POETA

ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE

NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR

ANTONIO CARNEIRO

DA CONFERENCIA DA PAZ AO TURISMO

ESTÁ o mundo presentemente atravessando um periodo transitorio, que deverá ter seu termo depois de assinada a paz e de postas em execução as clausulas insertas no instrumento elaborado na presente conferencia e ao qual as nações teem de prestar o mais absoluto respeito.

Esse instrumento, que certamente ficará conhecido pelo nome de «Tratado de Paris», será de futuro o regulador da vida das nações nas suas relações internacionaes, e marcará, não só os limites dos seus dominios, mas inclusivamente a esphera da sua acção geral.

Isso, porém, não obstará a que cada um, dentro do ambito que lhe ficará prescripto, procure, não só defender-se da concorrência que possivelmente venha a ser feita á expansão das suas forças economicas e tente valorisar o seu esforço n'esse sentido pelos meios que encontrar na interpretação das mesmas clausulas, mas, inclusivamente, venha a grangear uma situação favoravel, pela sua maior experiencia, por condição natural ou por qualquer outro factor cuja utilização nenhuma lei humana póde impedir.

E' evidente que esse tratado, se bem que possa constituir o estatuto da futura sociedade das nações, escrupulará essencialmente os efeitos de dominio territorial e politico, mais ainda do que os de livre-cambio; ficando assegurado — segundo supomos — aos diversos paizes, o direito de estabelecerem as convenções que mais uteis sejam á defeza dos seus proprios interesses.

Tambem é de presumir que a liberdade dos mares para o commercio, seja um ponto claramente consignado n'esse documento, e nem outra póde ser a interpretação dos desejos do presidente Wilson, baseados — sem duvida — na consciencia do direito que assiste a todos, de exercerem legalmente a sua acção; criterio que, de resto, tem sido agradavelmente constatado nas consoladoras palavras que esse eminente vulto da hora presente tem feito ouvir ao Mundo.

Dados os prenuncios já manifestados, é de crer que as nações entrem n'um muito curto praso, em uma época de paz, de trabalho e de progresso — que bem precisam para se refazerem dos fundos abalos que a pavorosa guerra europeá lhes causou.

— o —

E' sob esta agradável impressão

que achamos azado o momento de reivindicar para a nossa Patria o logar que lhe compete no concerto das nações, não propriamente no que respeita ao seu dominio politico — o que, de resto, pouco nos importa, mas para a livre expansão das suas forças vitais e, muito principalmente, para a legitima defeza dos seus immediatos interesses, se, porventura, elles vierem a ser postergados ou desdenhados por outrem. Porém, para isso, necessário é que nós proprios tratemos de os zelar em todo o sentido, com o solicito cuidado que deve merecer tudo quanto é de nossa pertença.

Independentemente de quaesquer outros pontos em que, simplesmente como portuguezes, possamos ter uma directa interferência por que se nós afigurem menosprezados, um ha, porém, em que, não só por essa nossa qualidade, como pela auctoridade que nos assiste e pelo immediato interesse que nos empenha, não deixaremos de defender com o maior entusiasmo e com a mais decidida energia: Esse é o que se refere ao **turismo**.

Se bem que sejamos pessimistas, talvez por condição, talvez por experiencia, ha, contudo, no fundo da nossa alma, uma vaga esperanza de rejuvenescimento para o nosso Paiz, possivelmente baseada na suposta existencia do motu-continuo, de que resultará um Portugal tão grande como o foi outr'ora, *quando ao mundo deu novos mundos*.

Porém, enquanto não entrarmos decididamente n'essa carreira que nos conduzirá de novo ao apogeu, não devemos deixar de pugnar e de defender as nossas idéas, tanto mais que pensamos (talvez vãmente) que uma das primordiales condições para a efectivação d'esse facto é, justamente, a educação do nosso povo, pela nacionalisação dos seus desejos, dos seus caprichos e dos seus gostos; pelo respeito e consideração mutuos; pela noção da ordem; pelo entusiasmo ao trabalho; pela natural sensibilisação que deve presidir em todos os actos da vida; emfim por uma bem ordenada conducta, sem o que não póde haver progresso, nem se torna possível o engrandecimento d'uma nação.

E, hoje, as aureolas que divinizam os paizes não se criam, como d'antes, pelas façanhas guerreiras. Estas, presentemente, só atiram os povos para o cahos.

Na actualidade, as glorias conquistam-se nas luctas comerciaes, industriaes, artisticas e scientificas; traduzem-se pela

A INDUSTRIA DO TURISMO

A GRANDE RIQUEZA DO FUTURO

supremacia, pela superioridade e pela honorabilidade.

Conquistam-se, ainda, pela união dos povos, pelo seu acendrado patriotismo, pelo seu mutuo auxilio, de que resulta a perfectibilidade que, na sua relatividade, é o maior titulo de gloria.

Para se chegar, porém, em Portugal a esse estado, é inadivél que se refunda o nosso systema educativo, criando-se, antes e acima de tudo, o amor pela familia e a dedicação ao torrão natal.

Sob esta base, já por nós aqui defendida, é que tem de assentar os alicerces da nova vida. Formados eles, nascem a seguir, instinctivamente, os primeiros passos do turismo, que se traduzem no desejo de conhecer-se o que nos pertence, o que temos de bom e de bonito, de util e de comodo, de aproveitavel e de estimação. Vem, depois, paralelamente com o desabrochar da intelligencia, o desejo de conservar o existente, de aperfeiçoar o que seja susceptível de melhoramento, de engrandecer os pequenos nada e todo o conjunto, de fórma a satisfazer mais completamente as exigencias dos nossos sentidos e dos nossos proprios olhos.

Chega-se então á phase de se sentir outro desejo ainda — é o de que extranhos nos visitem para apreciarem o que temos, para verem as nossas belezas e as nossas riquezas, para ficarem conhecendo um novo paraizo, um novo deposito de preciosas joias, um povo que voltou a ser grande pela sua propria ação,

E eles — esses estrangeiros — examinando a nossa propriedade com a dedicada atenção de pessoas bem educadas, comprehenderão também — embora o seu patriotismo os obrigue a dizer que tem, na sua terra, coisas tão ou mais bonitas e valiosas do que as que estão vendo — que é digno de apreço e se pôde tornar mesmo invejado, o povo que guarda carinhosamente as suas tradições, que trabalha e que produz, não simplesmente para alimento do corpo, mas egualmente para recreio do espirito.

E assim, do contacto com outros povos civilizados, nasce suavemente, incognitamente, o brilho indispensavel ás sociedades para refulgir na sua aureola.

Para se chegar, porém, a esse estado de... consciencia, na bela luzitania, é preciso que a educação seja uma coisa muito diversa da que se ministra actualmente ás sociedades.

E sem uma boa educação, não é possível haver turismo, por mais attractivos que qualquer nação possa oferecer.

JOSÉ LISBOA

OCUPAR-SE do turismo n'este momento? Sim, mais de que nunca e melhor do que em outra qualquer occasião.

A palavra «turismo», até hoje bem mal traduzida aos olhos do grande publico, deve-lhe ser interpretada, de futuro, como o mais claro symbolo da reconstituição economica depois da guerra. Que ninguem n'ela veja, com desdem ou invejosamente, a significação d'uma vilegiatura ociosa, ou a distração elegante d'alguns milionarios ou, ainda, a riqueza d'alguns raros privilegiados.

O turismo é um aspecto novo e poderoso da vida economica, e será no futuro a mais copiosa fonte de riqueza e de arte que, pouco a pouco, dará a maior e a mais larga felicidade aos paizes que o souberem cultivar.

Algum tempo antes da guerra, os homens de bom aviso, previdentes, esclarecidos, todavia, pelos esforços concorrentes dos inimigos da França, pregavam essa verdade de La Palisse.

Em afirmação do que dizemos, vamos transcrever as considerações eloquentes de M. Léon Auscher, administrador do «Touring Club de France», na vespera do troar do canhão em 1914, a respeito da situação da França:

«A França possui um capital beleza d'un valor inestimavel. As curiosidades naturais e as lembranças archeologicas fazem-se mutuamente valer. O turismo francez é, entre todas outras, uma industria absolutamente privilegiada, tanto mais que, para ser explorada, não precisa da constituição de nenhum capital, bastando-lhe, por assim dizer, uma boa orientação e que o seu réclamo seja feito pelos proprios turistas, pois que nenhum outro meio é menos custoso e de mais productivos efeitos.»

Para exemplo, ocorre-nos citar o que se tem passado com o Monte Branco e que é bastante significativo, sabido como é que n'ele são interessadas nada menos de tres nações: a França, a Italia e a Suissa. Por ele se vê que apesar d'uma enorme e activa concorrência, é ainda á França que tem cabido a melhor e mais larga parte nos beneficios extrahidos da sua exploração.

Seja, pois, o Monte-Branco. Imaginae o que custaria a construção artificial d'uma tal curiosidade, ao

pé da qual todas as pyramides de Chéops e a Torre Eiffel não são mais do que simples grãos de areia?

Observae, ainda, o que seria necessario gastar em publicidade, com reclamos de toda a sorte, para atrahir-lhe a concorrência de pessoas que tem admirado tão excelsa beleza natural?

Se, porem, o Monte Branco tem dispensado todo o extenuante trabalho que importaria semelhante propaganda, é porque a sua original estrutura, a sua excepcional beleza—essa perfeita joia da natureza se impõe pela sua grandiosidade á admiração do mundo inteiro... depois que foi inscripta no primeiro compendio de Geografia.

Quanto vale, pois, esse proprio e importantissimo capital que nada custou?

Em 1913, o Monte-Branco foi visitado, pelas suas tres faces, por 1.025.000 pessoas, que representaram a bagatela de 52 milhões de francos.

Se empilhassemos esse dinheiro em moedas de «cem sous», teriamos o dobro da altura d'esse monte e mais 400 metros. Se tentassemos alinhar essa soma, dar-nos-hia uma fita de prata de 414 kilometros. isto é—pouco mais ou menos do que a distancia de Paris a Belfort.

Fazendo a equivalencia á moeda de prata de cinquenta centavos, teriamos que semelhante fita seria igual á distancia de Lisboa a Braga, aproximadamente, seguindo a via ferrea.

Por aqui se pode vêr quanto o publico se engana, pensando que o turismo não é uma fonte privilegiada de riqueza que se distribue proporcionalmente por todas as industrias suas subsidiarias, entre as quaes figura, em primeiro plano, a hoteleira.

A estatistica pela qual extrahimos a totalidade dos visitantes do Monte-Branco em 1913, assignala, também, que, na divisão do producto deixado por esse consideravel numero, um quinto foi absorvido unicamente pela industria hoteleira; ao passo que os quatro quintos restantes foram usufruidos pelas empresas de transporte e pelo comercio de guias e de lembranças e recordações de toda a especie, bilhetes postaes, etc. Convem, ainda acrescentar, para melhor apreciação d'este excelente resultado, que a industria hoteleira alimenta, embora indirectamente, vinte outras pequenas industrias, sem, comtudo, se fazer re-

ferencia á agricultura, que igualmente nos seus multiplas aspectos, é fortemente beneficiada pelo turismo.



Conclue-se, pois, que a melhor fonte de riquezas para reparar as perdas sofridas em virtude da guerra, é sem contestação possível, o turismo; e na

sua exploração devem empenhar-se todas as nações que, como a França, gozam de excepcionaes belezas e encantamentos, o que constitue o melhor capital para o desenvolvimento d'essa incomparabilissima industria.

A. BALLIF

Presidente do «Touring-Club de França».

Paris, 1918.



Mas para tudo isto se tornar n'uma realidade proveitosa, quanto ha a fazer? Perguntarão os timoratos. Pouco, relativamente pouco.

Hoteis, transportes faceis e um atuado e sensato reclame, para que toda a gente se compenetre da sua importancia.

Estamos n'uma epoca em que, a vida se agita para cada um marcar um lugar na nova era de progresso que se avizinha.

Em Portugal nada-se em dinheiro. Ha sempre quem disponha do necessario para se constituir uma empreza, muitas vezes de bem problematicos efeitos.

O que não ha é quem tenha ideias largas e orientações sensatas. Depois muitas das nossas estancias de inverno, senão todas, são também estancias de verão; e n'esse caso um bom hotel adaptado á temperatura de inverno, com aquecimento central, e com uma galeria, onde o sol n'essa estação penetre á vontade, e um salão de festas, onde nos dias de chuva se possa passar o

tempo ouvindo musica, é quanto basta.

O resto está feito. A doçura do nosso clima, que nos dá durante quatro mezes de inverno, pelo menos dois terços de lindos dias de sol, é o

ESTANCIAS DE INVERNO E DE REPOUSO

PORTUGAL tão fértil em nascentes de aguas mineraes e em tiras de costa de finissima areia, tem também a recomendá-lo, os seus recantos de repouso na quadra invernal. E' certo que as estancias de verão estão mais ou menos exploradas, umas com optimos hoteis e balnearios, outras pobresinhas com as suas hospedarias primitivas, com as lendarias tinas de banho feitas de cantaria, mas todas elas tem concorrência. As estações de inverno estão por explorar, e qual a sua causa? O não ter havido ainda o primeiro, que em vistosos cartazes chamasse o publico para essas estancias de repouso. E se é certo que o nosso paiz, livre d'essas neves corciantes do centro da Europa, não nos faz apetecer esses recantos abrigados das ventanias, também é certo que muita gente, que por falta de saude

beira mar, entre rochedos, como a Praia da Rocha; vales apertados entre montanhas de arvoredo selvagem, como Monchique, encostas aquecidas ao sol



Edifício do Sanatorio de Seixoso

divino do Algarve, montanhas vestidas de arvoredo secular como o Busaco, quebrados de serras, com largos horisontes, como o Farvão, em Gou-



S PEDRO DO SUL—O local das thermas

e por ter permanecido no ultramar ou nas Americas procura o repouso entre os nossos frios num sol quente que o aqueça, e na suavidade de um vale onde a vista se distraia entre uma paisagem suave, de que o nosso paiz dispõe com largueza.

Temos tudo: recantos abrigados á

veia, que Pedro Botto Machado, está povoando de lindos chalés, outeiros encimados por bastas cupulas de pinheiras, como o Seixoso, Edens, encantados, cortados de rios murmurando, com nascentes a jorrar agua a ferver, como S. Pedro do Sul, que só por si dariam um aquecimento-central natu-



LEIRIA—Um aspecto da cidade

complemento do repouso, de que os enfraquecidos, e os neurastenicos precisam.

A propaganda completaria a obra. Mas uma propaganda bem orientada sem leituras fastidiosas, como é tão vulgar em Portugal, porque ainda ninguem se compenetreou que os grandes

relatórios são a aversão de quem quer saber alguma coisa.

Façam-se uns reclames leves, agra-

daveis e sugestivos, e deixe-se aos folhetins do jornal o encargo das grandes leituras.

DEPOIS DA VICTORIA

A ENTRADA TRIUMPHAL NA ALSACIA

No numero do Boletim do Touring Club de France, referido ao mez de Dezembro ultimo, encontramos a interessante descripção, feita por Monsieur Léon Auscher, membro do Conselho d'Administração d'aquelle Club, da sua viagem á Alsacia, após

—A partir de Vic, os meus olhos embaciaram-se... O meu coração batia, como querendo romper o proprio peito, para dar largas á sua quasi inconcebível alegria.

A estrada que iam seguir approxi-

Eu não estou sonhando... Vejo Strasbourg, distinctamente, realmente...

Ah! nada mais, coisa alguma nunca mais ofuscará a minha vista—nem o arrogante tilintar do sabre *boche*, nem o desconfiado *gendarme*, nem o grotesco e pedante *Knatschke*.

E, de futuro, verei sempre o pavilhão tricolor flutuar fielmente por sobre a cathedral, a cuja sombra eu fui educado!

Ainda me custa a crêr! Receio, por momentos, de estar sonhando! Mas tudo se apresenta á minha vista, refulgente de alegria, como a mais positiva realidade.

Em Vic, as nossas bandeiras tremu-



ESTORIL.—Um aspecto da praia



GUARDA.—Uma parte da cidade

a victoria, que a seguir nos permitimos a liberdade de transcrever, traduzindo-a literalmente.

«O primeiro carro automovel que atravessou a ex-fronteira lorena, em direção a Strasbourg, levava o galhardete do Touring-Club de France. Frementes de felicidade e de entusiasmo, Edmond Chaix e eu, galgámos rapidamente os caminhos á percorrer, para lá chegarmos no momento oportuno.

Tendo partido de Paris na sexta feira 22 de novembro ultimo, ás 19 horas, chegámos a Sézanne ás 23 horas; reconhecendo a nossa marcha ás 6 horas da manhã do dia seguinte, para atravessar Nancy ao meio dia e chegar, perto das 14 horas, á que foi, durante quarenta e oito anos, a alfandega alemã. Alguns metros de estrada mais, e eis-nos em Vic — em nossa casa — em nossa casa para sempre.

Os meus camaradas que perdõem o meu febril entusiasmo; mas ser-me-ia impossível descrever esta viagem sem que colorisse o melhor que pudesse todas as fundas emoções que me dominaram.

mava-me, a cada volta, da minha cidade natal, da minha terra bem-amada, que não tornára a vêr depois da minha triste partida.

Até Strasbourg, o turista cede lugar ao patriota, que consegue, ao cabo de

lam por todos os lados. A população enche, por completo, lado a lado, as ruas, aclamando-nos delirantemente, abraçando-nos a cada paragem de auto.

Ladeada de pinheiros, atravessada em todos os sentidos por bandeirolias, a estrada não é mais do que uma infinita via triumphal. Por Sarrebourg, Phalsbourg e Saverne, n'uma marcha vagarosa, interrompida a cada momento por uma multidão em perfeito delirio, avançamos a custo.

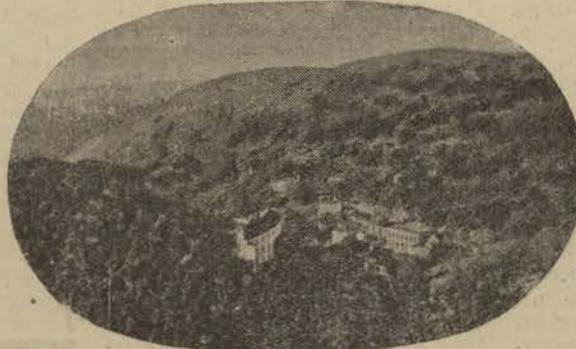
Era noite já quando chegámos a Strasbourg.

Desde os suburbios da cidade até o hotel onde nos instalámos, quasi nos era impossível caminhar. Toda a população, não só da cidade, como dos campos, ali se reuniu para aclamar as nossas tropas.

Numerosas marchas *aux flambeaux* convergiram sobre a praça Kléber.

—A cidade estava esplendida e visivelmente iluminada, e a engenhosidade dos strasbourgeois conseguiu — com as côres ali proscrias durante meio seculo — um efeito verdadeiramente pheérico, que difficilmente se apagará da memoria.

Conforme pudémos, chegámos ao



CALDAS DE MONCHIQUE.—Um aspecto da paisagem

tanta desesperada esperança, vêr fim, com infinita alegria, definitivamente aniquilada a grande barreira que separou, durante penosos anos, a feliz infancia d'outr'ora do memoravel e nunca esquecido exito d'agora.

Esta realidade, por ser tão positiva, assemelha-se, no estado do meu espirito, a um verdadeiro conto de fadas!

nosso alojamento, e em seguida o nosso primeiro cuidado foi visitar o nosso excelente amigo e distinto camarada Georges Maringer, Alto Comissario do Governo na Alsacia, que succedeu ao ultimo «statthalter». Levámos-lhe as mais calorosas felicitações do «Touring-Club» e a promessa do seu conselho, de proceder immediatamente à reorganização de turismo na Alsacia e na Lorena.

.....
 25 de Novembro — E' o grande dia!

E' hoje que o marechal Pétain e o general Gourand fazem oficialmente a sua entrada triumphal. Esta jornada historica ha de ficar memoravel. Por todo Strasbourg passa uma febre intensa d'entusiasmo, de comunicativa alegria, de sugestiva animação que se expande livremente, que enche os corações, que rejubila nas almas!

Uma multidão de cada vez mais compacta, aglomera-se em toda a parte. De todas as aldeias, proximas ou distantes, de todos os vales dos Vosges, de toda a parte, enfim, converge gente para a Cidade.

Que sublime espectáculo se disfructa, animado ainda pelo tom pheérico das côres francezas!

E como é, agora, alegre o semblante das nossas gentis alsacianas, com o seu original e engraçado boné, onde reaparece triumphalmente, sobre as suas largas côcas, a rozeta tricolor!!



Deante do ex-palacio do Imperador achava-se armada a tribuna d'onde assistimos ao desfilar das nossas gloriosas tropas. Esse facto causou-me uma tão funda emoção que me é difficil de descrever. E, certamente, que não me será exigida uma coisa que se me torna impossivel, taes e tantas foram as sensações que dominam ainda o meu espirito e a minha alma, tão fortes e tão originalmente belos os abalos que em todo o meu ser provocaram o mais extraordinario arrebatamento. Mesmo se me fosse dado traduzir toda a impressão que recolhi d'esses momentos, não acharia nenhuma expressão humana que lhe desse a fórma, o colorido e a sua verdadeira tradução de realidade!

Unicamente direi que, n'esse curto lapso de tempo, vivi horas unicas na minha vida! E nunca se apagará do meu espirito esse quadro unico d'uma dupla fila de graciosas alsacianas, formando garridamente a guarda avançada d'uma das nossas mais belas divisões do exercito, simbolizando pela sua expontaneidade impressionante, o regresso d'essa adoravel provincia—enfim livre—á sua mãe natal, enla-

çando-se voluntariamente nos braços que carinhosamente lhe estendia a sua patria bem-amada!

Simplemente maravilhosos!

Verdadeiramente admiravel tambem era a attitude dos nossos bravos «poilus» que, depois de consecutivos quatro e meio annos de penosa campanha, vieram dar aos nossos «strasbourguezes, uma sensação empolgante de frescura, de rejuvenescimento radioso, onde ficará para todo o sempre estigmatizado o traço significativo d'esta victoria.

Indescriptivel, igualmente, a emoção e o entusiasmo delirante da multidão imensa, cheia d'uma incomparavel felicidade, d'uma alegria intraduzivel, semi-patética, ante o facto consumado!

Dir-se-ia ser este um quadro devido mais a um sonho ou fantasiosa concepção d'um genial artista, do que a tradução fiel d'uma palpavel realidade!

E, se bem que o delirio febricitante em que se debatia toda a amada povoação alsaciana, fosse a expressão pura, sincera do seu sentir e essa alegria incomparavel fizesse esquecer as agruras sofridas longos annos, em alguns espiritos não poude deixar de se estabelecer o confronto entre a situação de 1870, quando os prussianos ali entraram com os seus passos candenciados, ao som da marcha do «Tannhauser», e a d'agora, em que «Sambre et Meuse» trouxeram á nossa rica casa, ao nosso belo torrão natal, os soldados do Direito e da Justiça!

Meu Deus! Como isto é belo!

Que deliciosas lagrimas toda esta irreproduzivel scena nos fez vertèr! O que se seguiu, é, tambem de difficil tradução. Nem as 60.000 alsacianas agrupadas sobre o largo de Brogli, e aclamando sem cessar o marechal Pétain, nem a formidavel Marseheza—esse seductor hymno que em 26 d'abril de 1792, Dietrich cantou pela primeira vez e que tinha sido composto na vespera por Rouget de l'Isle; e que agora foi sentimentalmente interpretado por toda a inteira população d'esta seductora Alsacia; nem tampouco, o comovente *Te-Deum*, resplandecente por entre os seus suaves ecos na nave imensa da formosa Cathedral, assistido por uma multidão compacta em respeitosos e tocante recolhimento espirital—nenhum dos originalissimos e verdadeiramente unicos quadros se poderiam traduzir com a fiel expressão de todo o seu colorido, de toda a sua pura e inconfundivel realidade!

Só os que viveram ali essas horas que nunca mais se esquecem, esses inolvidaveis momentos que para todo o sempre ficam gravados na memo-

ria, poderiam ter sentido—como disse depois o *Journal d'Alsace*—as alegrias do Paraizo...

—E essas expansões, toda essa incomparavel alegria que gozámos em Strasbourg, se propalava por toda a Alsacia.

As nossas sensações foram as mesmas em Célestat, em Colmar, em Mulhouse. E, enquanto o nosso auto rolava sobre as excellentes estradas do incomparavel vale, o harmonioso panorama dos Vosges nos lembrava, a cada instante, que a sua linha azul mudava de sentido, e deixava de ser uma fronteira... para ser uma terra comum.

.....
 LÉON AUSCHER.

FEIRA DE LYON

Segundo informações officiaes, deve realizar-se, de Março a Abril proximos, em Lyon a grande feira anual de amostras que, pela sua já manifesta importancia, recrudescer de valor de ano para ano.

Como já é notorio, todas as nações enviam a esta feira grandes mostruarios de seus productos industriaes, que são expostos em pavilhões especialmente construidos para esse fim; e durante o tempo em que ella está aberta, uma intensa população cosmopolita a percorre de lado a lado, examinando e apreciando os productos cujas amostras se acham ali expostas, combinando transações e estabelecendo negociações.

E' esta uma boa ocasião que os nossos industriaes devem aproveitar para a expansão dos seus productos, a maioria dos quaes apenas são conhecidos em Portugal; e supomos que não perderiam o tempo nem dinheiro concorrendo a essa já hoje importante feira.

Os que assim quizerem fazer, podem dirigir-se ao vice-consul em Marselha, que está habilitado a prestar todas as indicações.

.....
 Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

ARTE E LITERATURA

AS FORMIGAS

DE COELHO NETO

A' sombra d'uma faia, no parque, enquanto o príncipe, que era um menino, corria perseguindo as borboletas, abriu o velho preceptor o seu Virgílio e esqueceu-se de tudo, enlevado na harmonia dos versos admiráveis.

Os melros cantavam nos campos, as libelulas esvoaçavam nos ares e ele não ouvia as vozes das aves nem dava pelos insectos; se levantava os olhos do livro era para repetir, com enthusiasmo, um hexametro sonôro.

Sahiu, porém, o príncipe a interrompel-o com um comentario pueril sobre as pequeninas formigas que se afadigavam conduzindo uma folhinha seca e disse:

— Deus, devia tel-as feito maiores. São tão pequeninas que cem d'elas não bastam para arrastar aquela folha que eu levanto da terra e atiro longe com um sopro.

O perceptor, que não perdia ensejo de educar o seu imperial discipulo, aproveitando as lições e os exemplos da natureza, disse-lhe:

— Lamenta V. A. que sejam tão pequeninas as formigas... Ah! meu príncipe, tudo é pequeno na vida: a união é que faz a grandeza. Que é a eternidade? um conjuncto de minutos são as formigas do Tempo. São rapidos e a rapidez com que passam fal-os parecer pequeninos, mas são eles que, reunidos, formam as horas, as horas fazem os dias, os dias compõem as semanas, as semanas completam os mezes, os mezes prefazem os anos, e os anos, Alteza, são os élos dos seculos.

«Que é um grão de areia? terra; uma gota de agua? oceano; uma centelha? chama; um grão de trigo? seara; uma formiguinha? força.

«Quem dá atenção á passagem de um minuto? é uma respiração, um oihar, um sorriso, uma lagrima, um gemido, juntae, porém, muitos minutos e tereis a vida.

«Ali vae um rio a correr — as aguas passam aceleradas, ninguem as olhar que fazem elas na corrida? regam, refrescam, desalteram, brilham, cantam e lá vão, mais ligeiras que os minutos.

«Quereis saber o valor de um minuto, d'isso que não sentis como não avaliaes, a força da formiga? entrae de mergulho n'agua e tende-vos no fundo — todo o vosso organismo, antes que passe o minuto, estará protestando, a pedir o ar que lhe falta. Ora! o ar de um minuto, que é isso? direis. E' a vida, Alteza.

«Vedes a formiguinha que vae e vem procurando migalhas na terra — se a encontra e pôde correl-a leva-a, se é superior á sua propria força recorre á companheira que passa; outras chegam, ajuntam-se em chusma e eil-as fazendo com facilidade o trabalho que seria impossivel a uma só.

«Se a formiga desanimasse nunca iria provisão ao formigueiro. Assim vós, meu Príncipe, pretendeis um conhecimento, ideis ao livro que o contém e inclinae-vos sobre ele. No primeiro instante tudo vos parece obscuro; desanimaes, aborrecei-vos. Se lançardes de vós o livro ficareis sempre em ignorancia, mas se persistirdes, apelando para todas as forças do vosso engenho, pouco a pouco ireis removendo as dificuldades e chegareis ao caminho franco da certeza.

«Assim é em tudo na vida. O que pretende governar deve ver o trabalho da formiga, porque é um ensi-

namento. Não pôde o príncipe alhanar um embaraço só com o seu juizo, chama a conselho os homens de mais experiencia e tino, ouve-os, delibera com eles e juntos facilmente arredam o que, no principio, parecia inamovível. Tudo é porporcional na vida, Deus não fez o insuperavel. O «Impossivel» é uma expressão inventada pelos fracos.

«O que é para a formiga um carroto, vò com o o sopro debil d'uma creança; o que é para o homem empecilho, as aguas levam de roidão: onde não pôde a força de um braço supera o instrumento e, se ainda o embargo se obstina, então o homem apela para o homem como a formiga reclama a companheira e, conjunctamente, afastam o pesado entrave.

«Se eu vos pudesse levar ao labyrintho, que é o reino subterraneo das formigas, verieis a perfeita ordem que n'elas ha, a disciplina que os compõe, a harmonia que os rege e se cá fóra pudesse ser aplicada a lei que regula a sociedade dos insectos exemplares, facil vos seria governar o povo, porque todos, todos os homens dar-se-hiam por felizes nos seus postos, não haveria inveja nem ambição, males que tanto maisinam as sociedades.

«Qual é a força da formiguinha? é pouca para um grão de assucar; entretanto, a formiga pôde mudar montanhas se o formigueiro se ajunta em esforço solidario.

«Que é uma gota de orvalho? um nada para o calor de um raio do sol; lança-a ao mar, entrará na agua concorrendo para o sossobro das maiores náos de guerra.

«Quereis ver a força da formiga? pricuraa-a no formigueiro, que é a união.

Assim falou o perceptor. E, como passasse uma borboleta azul e o príncipe sahisse a perseguil-a, abriu de novo o seu Virgilio e continuou, delicadamente, a leitura interrompida.

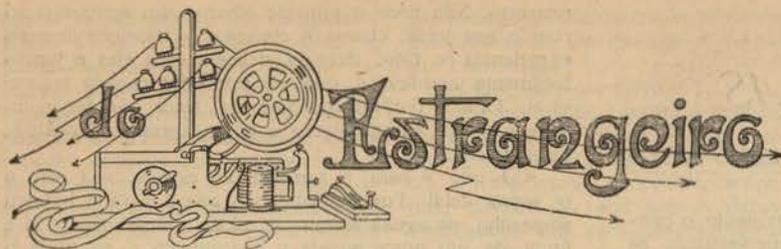


21-12-1918

DE XAVIER MAGALHÃES

- — Minha vida, meu amor!
 Alem, na serra escarpada,
 — Minha mãe, que succeden?
 Caee um manto de amargura...
 — Resae a Nosso Senhor...
 Nem a cor da madrugada
 O pae dos pobres... morreu!
 Faz dissipar a negrura.
 E essa florinha em botão
 Ajoelhada no leito,
 As aves, nos seus trinados
 Perderam toda a beleza;
 Lembram dia de finados
 Balbucia uma oração
 Os seus cantos de tristeza.
 De mãos postas sobre o peito.
 — Pae do Ceo, martyrisado,
 Na capelinha do outeiro
 Que morresee n'essa Cruz,
 Ouve-se um sino tocar,
 Som de luto, derradeiro,
 Que seja santificado
 Tão triste que faz chorar.
 O Seu Nome! — Amen, Jesus!

 D'un refugio miserando
 E na capela do outeiro,
 Vem até nós doce harpejo:
 Ouve-se um sino a tocar,
 É a mãe que soluçando
 Som de luto, derradeiro,
 Desperta o filho n'um beijo.
 Tão triste que faz chorar...



ITALIA

Actividade turistica

O entusiasmo pelo desenvolvimento da industria de turismo n'este belo Paiz, augmenta á medida que as soluções praticas vão tendo os mais esperançosos resultados. Trabalha-se activamente, mesmo com ardor—com esse ardor inflamado pela verdadeira noção do patriotismo, pelo desejo incomparavel de se ser util á Patria, engrandecendo-a pelo esforço comum e individual, para que ela ocupe um lugar de destaque no concerto das Nações, para que ela possa continuar a ser vencedora na nova lucta mundial, n'essa cruenta guerra economica prestes a envolver todos os paizes.

Não ha dificuldades, não ha sacrificios, como não ha obstaculos a vencer. Trata-se do futuro da Patria, do seu engrandecimento, do desenvolvimento da sua riqueza economica, e todos trabalham com amor, com entusiasmo, cada um prestando o maximo do seu concurso e da sua influencia para a fiel resolução dos diferentes problemas que se apresentam.

Assim, cada qual, embora agindo dentro do ambito que lhe está prescrito, não deixa de desenvolver a sua possível actividade para que a industria do turismo se firme em bases solidas, indestructiveis e productivamente compensadoras.

Esse «élan» que se nota agora na Italia deve-se, sem duvida, á inteligente acção que tem sido desenvolvida pelo *Touring-Club Italiano*. A divulgação dos incomparaveis beneficios resultantes da exploração da industria de turismo, feita persistente e fundadamente nos variados órgãos que ele criou, taes como a *Via d'Italia*, *La Sorgenta* e ainda no seu esplendido Boletim mensal, tem sido, por assim dizer, o conductor d'esse entusiasmo que levou á comprehensão dos italianos o real valor d'essa incomparavel industria.

E', pois, a esse prestimoso Club que cabe a maior gloria no promettedor futuro da Italia que, com a sabia exploração do turismo que se está desenhando, verá, dentro em pouco, augmentada a sua fama de nação hospitaleira, valorizados os seus monumentos e toda a sua rica baixela artistica, devidamente apreciadas e conhecidas as belezas com que a Natureza a distinguui.

A guia d'Italia

O quinto volume da «Guia d'Italia» que em primorosa edição do *Touring-Club d'Italia* acaba de ser publicado, é simplesmente consagrado á Sardenha.

A descrição d'essa interessante provincia italiana, feita sob os mais impressionantes e atrahentes aspectos é a mais completa possível, contendo a par de todas as proveitosas indicações, uma escolhida colaboração sobre toda a preciosidade d'essa rica provincia, a respeito do seu patrimonio artistico e das suas belezas naturaes e artificias.

Esta guia representa para o *Touring-Club Italiano* uma das suas mais gloriosas obras, não só pelo valor intrinseco do trabalho, como pelo concurso que ele presta ao desenvolvimento do turismo na grande peninsula italiana.

SUISSA

A Suissa, tem sido, desde longo tempo, considerada como o paiz por excellencia do Turismo—palavra que lhe está indissolvemente ligada e que parece ter sido creada justamente para significar as excursões n'este original canto da terra. E tanto assim é que, até ha pouco tempo, não se concebia a idéa d'um turista fazer turismo que não fosse nos *brancos-Alpes da Helvetia*.

Os tempos mudam, e as coisas tomam facilmente aspectos diversos. D'ahi, o ver-se—antes da guerra—os turistas percorrerem a maioria das nações, em procura de sitios de recreio e de cura, de logares de distração e das belezas naturaes, das cidades e vilas onde a arte, nas mais variadas manifestações, assentou arraiaes.

Por toda a parte, porém, encontravam além da mais hospitaleira recepção, uma atração nos motivos que lhes proporcionavam, e a sua apresentação constituia uma novidade que, só de por si, era uma outra atração.

E' claro que por muito que se procurasse variar os aspectos na Suissa, nunca se atingiria a diversidade que seria necessaria para conservar, sempre, n'este paiz, mesmos os turistas mais arraigados aos seus habitos de vilegiatura e menos propensos, por isso, ás largas e constantes deslocações, ou manter em numero aproximado os seus visitantes. Todavia, alguma coisa—mais do que até então se fez—se poderia ter feito; o que equivale a dizer que os turistas apezar dos sacrificios que lhe eram impostos, procuravam mais esse paiz pelo habito de o visitarem e pelo proprio reclamo que d'ele faziam, do que pelo esforço ou pela acção empregada n'esse sentido. Isto é—a Suissa tem agido, em materia de turismo, com a segurança um tanto desdenhosa das pessoas cuja fortuna é solida e o futuro isento de cuidados; e assim confiante na sua supremacia, nada tem feito para atrahir novos visitantes e para fazer substituir os que lhe tem fugido já...

Teem por acaso, os francezes procedido da mesma forma?

Não; antes pelo contrario. E nos seus jornaes teem sido por diversas vezes, duramente criticada a acção da Suissa em materia de turismo.

Realmente, o defeito principal do seu modo de proceder está na sua propria perfeição. Não se deixava ver a Suissa; apenas a mostravam aos que se azejavam nas suas gares, metendo-lhe o «Baedeker» nas mãos. O turista d'esta forma simplesmente admirava os logares indicados n'esse guia e nos seus itinerarios. Assim, mal entrava no paiz helvético, nada mais podia, nem devia fazer do que obedecer ao programa que lhe estava circunscripto.

Foi uma idéa que se poz em pratica ha anos, como sendo a melhor para facilitar ao turista uma metódica visita; pensando-se, certamente, que nunca lhe surgiria a idéa d'uma emancipação, nem que novos factores viessem a apparecer para alterar por completo essa rotina.

Porém, a pratica da bicyclette que foi suplantada pelo automovel, fez transformar todos os programas oferecidos aos turistas e conceder-lhes a liberdade de gozarem á sua vontade, experimentando as sensações intraduziveis do inedito, o encanto do imprevisto e a surpresa sempre memoravel do desconhecido. E assim, o excursionista pôde hoje transitar por caminhos onde—na phrase de Chateaubriand—*a mão do homem nunca poz o pé*.

Foi devido ao turismo «pela estrada» que muitos francezes começaram a apreciar as belezas naturaes e artificias do seu torrão natal; e foi também pelo mesmo motivo que muitos Suissos se desiludiram sobre... a forma de viver de alguns dos seus concidadãos.

Forçoso é, pois, constatar que os meios officias Suissos pouco teem feito para favorecerem o desenvolvimento do Turismo no paiz helvético; tendo, porém, os governos cantonaes descurado muito do que lhes competia fazer em assumpto de tanta monta.

Se na Suissa se deseja—e parece que essa é uma das suas grandes preocupações actuaes—que esse paiz volte a gozar dos proveitosos resultados que a industria de turismo lhe deixava muito antes da guerra, quando a sua exploração se fazia quasi automaticamente, necessario se torna preparar a estrada e desprezar todos os mil e um regulamentos, interdições, prescrições e instruções que apenas serviam para enfadar e afugentar o visitante.

Novos processos se impõem para a exploração do turista, que a todos se sacrifica contanto que não lhe coartem o direito de agir livremente e que não lhe exturcam dinheiro por mais do que irrisorias penalidades.

Porém, para se conseguir um bom e completo resultado, preciso é também persuadir as populações cantonaes do interesse que resulta para toda a nação em se facilitar o mais possível o desenvolvimento do turismo, por muito que contrariem as nuvens de poeira que se levantem sob os seus automoveis; devendo-se ter sempre em mente que um cyclista ou um automobilista é, nem mais nem menos, do que um qualquer paisano que se faça transportar em carro, ou de que um simples pedestrianista...

A aversão que em alguns cantões se nutre pelo automobilismo, tem de acabar, sob pena de se perder uma fonte de receita como é a que se usufrue pelo turismo; e paralelamente com a educação do povo teem de ser tomadas medidas urgentes e imprescindiveis para que a Suissa volte a ser o que já foi—um paiz de turismo por excellencia.

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑA nas bibliotecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.